

Ano XIII outubro de 2011 Jornal da Fundação

Gorceix



Página 6
Há 41 anos lecionando
na Escola de Minas



**ENCARTE
ESPECIAL**

EM 135 anos

Vencendo desafios e ajudando a construir o Brasil



Escola de Minas, ontem



A

história da pioneira instituição está guardada no Arquivo Permanente da Escola de Minas – APEM, que reúne os documentos históricos, desde sua fundação até a incorporação pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, em 1969.

A sede da APEM funciona na antiga sede da Escola de Minas, na Praça Tiradentes, onde se encontram documentos textuais (manuscritos, datilografados e impressos), cartográficos (plantas e desenhos) e iconográficos (fotografias e filmes).

Desde 2009, a Fundação GORCEIX, colabora com a conservação da memória da Escola, patrocinando o trabalho organização e preservação do acervo.

A consulta ao acervo é aberta ao público em visitas previamente agendadas pelo e-mail:

arquivopermanente@em.ufop.br ou pelo site:

www.arquivopermanente.em.ufop.br

E

m 12 de outubro de 1876 Minas Gerais ganhava um dos maiores presentes de sua história: o imperador Dom Pedro II inaugurava a Escola de Minas de Ouro Preto. Sua criação não foi fácil. Além de ousadia e imensa visão de futuro, Dom Pedro II precisou ainda de muita paciência e argumentação para convencer o professor Claude Henri Gorceix a deixar Paris e vir morar no interior do Brasil.

A história nos diz que Dom Pedro II, em uma viagem à Europa, encontrou-se com o cientista Auguste Daubrée e o convidou para vir ao Brasil estudar a exploração mineral no país. Sem poder vir, Daubrée indicou, em seu lugar, o professor Claude Henri Gorceix. O prof. Gorceix não aceitou de imediato. Demorou alguns anos a se decidir. Só em 1874 aceitou assinar um contrato para organizar, no Rio de Janeiro, o ensino da Mineralogia e da Geologia. Logo começou a organizar um Laboratório de Mineralogia e Geologia, contando com a ajuda de Archias Eurípedes da Rocha Medrado.

No fim de 1874, Gorceix vem a Minas Gerais definir o melhor local para instalar uma Escola de Minas. Depois de pesquisar diversas regiões, decidiu-se por Ouro Preto, devido à variedade geológica local. Isto, segundo ele, facilitaria o aprendizado dos futuros estudantes. Ao imperador ele justificou assim sua escolha: “Em muito pequena extensão de terreno pode-se acompanhar a série quase completa das rochas metamórficas que constituem grande parte do território brasileiro e todos os arredores da cidade se prestam a excursões mineralógicas proveitosas e interessantes.”

Gorceix baseou-se no modelo da Escola de Minas de Saint-Étienne (França) para montar seu projeto, por considerar que ele se encaixava melhor às circunstâncias brasileiras, com resultados mais rápidos e formando engenheiros num curto período de tempo. Para isso, a nova Escola de Minas contaria com professores e alunos, em tempo integral, com aproveitamento inclusive aos sábados e domingos. Um dos pontos mais importantes em seu projeto era a concessão de bolsas para os estudantes menos favorecidos e prêmios, como viagens aos Estados Unidos e à Europa para aqueles que mais se destacassem.

Pronto, o projeto é entregue ao ministro do Império, José Bento da Cunha Figueiredo e, em novembro de 1875, o decreto de criação da Escola de Minas de Ouro Preto foi assinado. Um ano depois, em 12 de outubro, houve a inauguração da Escola de Minas, na rua das Mercês, atualmente Padre Rolim, ao lado do Palácio do Governo.

Como tudo no início tem obstáculos a serem vencidos, os primeiros 20 anos não foram fáceis. O primeiro problema, segundo a história, foi montar a primeira turma, já que não havia um sistema de divulgação. Os primeiros alunos foram Leandro Dupre Junior, Francisco de Paula Oliveira, Luis Adolfo Correa da Costa e Antonio Veríssimo de Mattos Junior. Os primeiros professores, além do próprio Gorceix, foram Armando de Bovet e seus dois assistentes, Leônidas Botelho Damazio e Archias Eurípedes da Rocha Medrado.

Prof. Gorceix precisou lutar muito para conseguir manter seu projeto o mais próximo do original, principalmente pelo tipo de ensino implantado por ele, ser diferente do predominante no resto do país. Não fosse a mão firme de D. Pedro II, tudo poderia ter se acabado de uma hora para outra.

Mas, o espírito de luta, a capacidade de trabalho e a obstinação do prof. Gorceix manteve vivo o sonho. Hoje a instituição completa 135 anos de tradição e, ao mesmo tempo, de inovação. Cultua o passado, renova-se no presente e prepara-se para o futuro.

Escola de Minas, hoje



À



época da fundação da Escola de Minas, quem poderia imaginar que, 135 anos depois, a instituição, que, segundo a história, começou com quatro alunos e apenas o curso de Engenharia de Minas, teria a dimensão atual com milhares de alunos, mais de uma centena de professores, dezenas de salas e laboratórios?

Atualmente, instalada no campus do Morro do Cruzeiro, a EM, nesse segundo semestre de 2011, é frequentada por 2.556 alunos divididos em 09 cursos.

São 166 professores, mestres e doutores altamente especializados, para transmitir conhecimentos e capacitar esses alunos, que às vezes chegam sem o preparo necessário para enfrentar um curso superior, e precisam de atendimento especial por parte do corpo docente.

Para auxiliar no aprendizado prático, na pesquisa de novas tecnologias a instituição conta com 50 laboratórios, entre os quais: Computação, Instalações Elétricas, Luminotécnica e Telecomunicações, Protótipos e Desenvolvimento de Novas Tecnologias, Tecnologia Industriais, Máquinas elétricas, Interfaceamento e Gestão da Qualidade de Energia, Elementos de Máquinas e Oficina Mecânica, Eletrônica Análoga e Digital, Sistemas Térmicos, Metrologia e Instrumentação, Estrutura, Geotecnia, Hidráulica, Materiais de Construção, Ferrovias e Asfalto, Saneamento Ambiental, Geoquímica, Geocronologia, Raio X, varredura, Geoprocessamento, Inclusões Fluídas, Gemologia, Mineralogia, Laminação, Preparação de Amostras, Fundição, Hidrometalurgia, Pirometalurgia, Tratamentos Térmicos, Engenharia de Superfícies e Técnicas Afins, Microscopia Óptica e Ensaio Mecânicos, de Corrosão, Tratamentos de Minérios, caracterização de Partícula e Planejamento de Lavra, Rocha sornamentais e catarata, Flotação, Processos a quente, Sistemas Particulados, Reologia e Petróleo, Microscopia Ótica e infravermelho, Ergonomia e Agenda 21.

Os alunos também têm o suporte de duas bibliotecas – Biblioteca de Obras Raras e Biblioteca dos Cursos Básicos – com um acervo total de 47.934 obras.

A Fundação GORCEIX, seguindo as orientações de seus instituidores e dentro do previsto em seu Estatuto, colabora com a aquisição de equipamento, material e manutenção dos Laboratórios, presta auxílios diversos aos departamentos e enriquece, permanentemente, o acervo de livros e periódicos das bibliotecas.

No primeiro semestre de 2011, foram destinados R\$ 443.596,00. No ano de 2010 os valores chegaram a R\$ 769.527,00. As doações visam o crescimento da Escola, a melhoria da qualidade do ensino e das condições de aprendizagem dos alunos, principalmente aqueles carentes de recursos financeiros.

Escola de Minas, amanhã

Como disse o prof. Cristovam, presidente da GORCEIX, em sua palavra, à página 3 deste jornal, “Como ex-aluno, ex-professor, ex-diretor, ex-reitor da UFOP vejo com alegria a Escola de Minas chegar aos 135 anos, cumprindo com fidalguia e competência a nobre missão de formar profissionais e cidadãos que muito têm contribuído para o crescimento do nosso País. E o que é mais importante, com um futuro desafiador e promissor.”

E esse futuro já começa em 2013, quando, segundo informações do vice-reitor, prof. Antenor Barbosa, “a EM terá mais de 3.000 alunos matriculados em seus cursos de graduação”.

Esse futuro já está sendo construído. A EM teve ampliado seu quadro docente. Jovens e bem qualificados professores chegaram e se juntaram aos que já estavam aqui para desenvolver, com muita qualidade, intensa atividade na graduação, pós-graduação, pesquisa e extensão universitária. Como observa o prof. Barbosa, “dos 28 cursos de pós-graduação stricto sensu (mestrados e doutorados) da UFOP, 13 deles se desenvolvem completamente na EM ou contam com a participação efetiva de seus professores”.

Capacitação do corpo docente

Para aproveitar, cada vez mais, o potencial do corpo docente, e garantir o futuro promissor da EM, será preciso acompanhar a velocidade vertiginosa do avanço do conhecimento e da produção de novas tecnologias. Isso exigirá que a EM proporcione oportunidades de permanente capacitação desse corpo docente. Exigirá modernização dos laboratórios e atualização das bibliotecas. O atual diretor da EM, prof. José Geraldo, mostrou que a EM se prepara para esse futuro ao dizer que “na última expansão previa-se um crescimento de 20%. E esse crescimento chegou a 130%, mesmo com alguns projetos ficando de fora.”

Outra ferramenta que a EM – e a própria UFOP – estão usando para preparar o futuro é a celebração de convênios internacionais. Segundo o prof. Barbosa, “a UFOP integra o Grupo Coimbra, uma rede de universidades européias que congrega 39 instituições, incluídas aquelas mais antigas e prestigiadas da Europa. Um dos objetivos é favorecer os programas de mobilidade estudantil e a capacitação de professores, especialmente em nível de pós-doutoramento.”

Instalações físicas

Outro tema para o futuro é com relação às instalações físicas. O prof. José Geraldo fala já da construção de um novo campus para atender ao crescimento que se prevê. O prof. Barbosa fala do apoio da Reitoria para a conclusão das edificações de novas salas de aula, laboratórios de informática, salas de permanência de docentes, etc. E o prof. Cristovam aborda esta questão do crescimento como importante para o real cumprimento da missão da Escola de Minas, no contexto histórico atual, sem contudo se perder de vista a qualidade do ensino ministrado, que sempre foi a marca registrada da instituição.

Melhorias no ensino

Sabe-se, desde os tempos de Gorceix, que os alunos chegam desnivelados às instituições de ensino superior. E o próprio Fundador sugeria um período de nivelamento para que o processo ensino/aprendizagem fosse mais eficiente. Pensamento igual têm os profs. Cristovam e Barbosa. Segundo o prof. Barbosa, muitos estudantes carecem de apoio pedagógico, que poderia vir na forma de um ciclo propedêutico ou de nivelamento, após sua admissão no processo do vestibular. Hoje, por exemplo, um nivelamento em matemática, em português e, talvez, em inglês e informática poderia favorecer sobremaneira o ensino na EM (e em outros cursos da UFOP, claro). E, sabemos que ações nessa linha contariam com o decisivo apoio da Fundação GORCEIX.

O prof. Cristovam concorda com o prof. Barbosa, “mesmo porque é a visão do próprio prof. Gorceix que disse e praticou isso há exatos 135 anos. Quanto mais as turmas forem niveladas – por cima – maior será o aproveitamento escolar dos alunos no decorrer dos diferentes cursos que estiverem fazendo. A GORCEIX, é claro, não se furtaria a participar de um projeto nesse nível, pelo contrário: participaria com entusiasmo.”

Participação dos ex-alunos

A participação dos ex-alunos na vida da Escola de Minas é algo que não se vê, usualmente, na universidade brasileira. Isso vem, provavelmente, da convivência em repúblicas, durante o período estudantil e forma laços que dificilmente são desfeitos. Como intensificar e aproveitar esses laços em benefício do futuro é outro desafio que se apresenta para o amanhã.

“Há uma ferramenta”, diz o prof. Barbosa, “que é usada internacionalmente no desenvolvimento das universidades, que não é tão usada no Brasil, talvez por deficiência da legislação ou mesmo pelo despreparo legal e estrutural da própria Universidade. Refiro-me às contribuições (doações) na forma de livros, equipamentos ou mesmo monetária, para serem aplicadas na instituição. Tais contribuições acontecem, mas, embora importantes, são tímidas ou isoladas. No exterior, além de incentivos fiscais, há legislação que favorece a ocorrência das doações e ampara essa forma de arrecadação de verbas.” É outro desafio que se apresenta para a EM, a UFOP e demais universidades. É preciso agir em favor dessas contribuições. A EM teria muito a ganhar, já que a Escola que tem mais essa interação com seus ex-alunos.

EM Virtu@

Outro desafio é o aproveitamento das facilidades de comunicação eletrônica para um processo contínuo de atualização de currículos, desenvolvimento de projetos e produção de pesquisas de ponta em várias áreas do conhecimento. O prof. Barbosa pensa, por exemplo, na oferta de cursos virtuais específicos. “Não se trata”, ressalta ele, “de criar uma Escola virtual, mas sim de promover um esforço em favor dos alunos já formados, que deixaram os bancos escolares, e facilitar sua contínua atualização”.

Resumindo tudo, vê-se, com facilidade, que há trabalho de sobra para os próximos 135 anos...

O que vai pela EM

Reitoria apoia atividades da EM

Segundo o prof. Antenor Barbosa, ex-aluno da EM e vice-reitor da UFOP, “a Administração Central da Universidade promove, incentiva e contribui para geração de inúmeros programas visando a obtenção dos melhores resultados acadêmicos, tanto na EM, como nos outros cursos e unidades da instituição”. Ele não diz, mas fica claro que o relacionamento com a Escola de Minas e com a Escola de Farmácia é diferente, mesmo porque as duas instituições já eram quase centenárias quando a UFOP foi fundada.

Sobre a importância da Escola de Minas, o prof. Barbosa diz que “o lastro adquirido pelos 135 anos de existência, aliado à experiência no ensino trazida pela centenária Escola de Farmácia, são reconhecidos e muito bem explorados pela Administração Central da UFOP. Essa marcante tradição das duas Escolas centenárias e criadoras da própria Universidade tem representatividade nos dias atuais, pois as origens epistemológicas, realçadas nos seus currículos, continuam a ser modelos para a análise crítica da necessidade, ou não, de se produzirem alterações nos procedimentos didáticos em todos os cursos da Universidade. Em meio à profusão de cursos e unidades acadêmicas surgidos no país e na própria Universidade, a Escola de Minas, em particular, traz uma espécie de carga hierárquica norteadora das ações em favor do processo formativo que afetam a aprendizagem”.

O prof. Barbosa destaca o apoio da Administração Central aos alunos, tanto da EM, como das demais unidades. Segundo ele, “são ofertadas bolsas de auxílio à permanência àqueles que apresentam fragilidade socioeconômica (bolsas de alimentação, auxílio transporte, auxílio moradia, etc.). Recentemente foi feita pesquisa nacional que colocou a UFOP em destacadíssimo primeiro lugar entre as suas congêneres. Esse resultado nos gratifica, claro, mas sabemos que muito mais pode e deve ser feito”.

“Há, ainda”, continua ele, “as bolsas de incentivo à pesquisa, bolsas de extensão, bolsas de monitoria etc., para a complementação da formação dos nossos estudantes e voltadas àqueles que demonstram mérito e apresentam melhor desempenho em seus cursos. Dentro das possibilidades e limites orçamentários, professores e alunos recebem, ainda, apoio financeiro para a participação em eventos (congressos, simpósios, seminários, etc.), propiciando a divulgação da produção científica na EM/UFOP e favorecendo o intercâmbio entre os pesquisadores”.

Prof. Antenor Rodrigues Barbosa Jr.



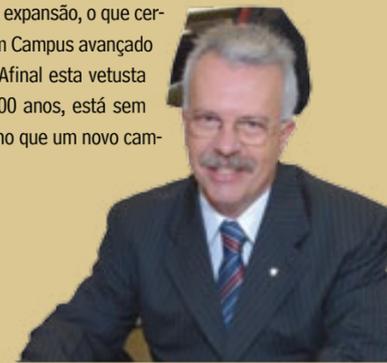
Diretoria tem projetos para mais cursos

Em breve a Escola de Minas/UFOP terá mais quatro cursos novos e mais uma entrada semestral para um curso já existente. A informação é do diretor da Escola, prof. José Geraldo. Segundo ele os cursos já foram aprovados no Conselho Departamental da Escola de Minas. “Acreditamos que, com estes cursos novos, passaremos a abranger um espectro maior do conhecimento. Desta forma poderíamos incentivar mais nossa pós-graduação”, disse o prof. José Geraldo. Os novos cursos aprovados são de Engenharia Elétrica, Engenharia Química, Engenharia Urbana, Geofísica Aplicada e mais uma entrada semestral para Engenharia Ambiental.

A área de pós-graduação, além dos cursos já implantados, acaba de ganhar mais uma linha na área de Mecânica, um projeto em conjunto com a UFV – Universidade Federal de Viçosa. Ainda segundo o prof. José Geraldo, “a criação de novos cursos depende de investimentos do Governo Federal. Assim, ficamos aguardando o sinal verde.” Mas ele acredita nisso porque o plano do REUNI, que resultou na última expansão da Escola de Minas, previa um crescimento de 20%. Mas a Escola extrapolou e cresceu 130%. Mesmo assim alguns projetos ficaram de fora, “para nossa frustração”.

“Acreditamos”, conclui o prof. José Geraldo, “que a Escola não escapará de uma nova expansão, o que certamente nos obrigará a criar um Campus avançado fora da cidade de Ouro Preto. Afinal esta vetusta senhora, que completa seus 300 anos, está sem áreas para o crescimento urbano que um novo campus demandará”.

Prof. José Geraldo A. de Azevedo Brito



Depoimentos

41 anos de EM

O prof. César Mendonça Ferreira leciona há 41 anos na Escola de Minas, sem contar que se graduou aqui também. São 46 anos de EM! Portanto, não há ninguém que a conheça melhor e seja mais autorizado a falar sobre ela.

Ele lembra que começou, em março de 1971, a ensinar disciplinas da matéria de Mineralogia. Nos últimos 30 anos, tem lecionado ÓTICA CRISTALINA e GEMOLOGIA para o curso de graduação em Engenharia Geológica e disciplinas de Gemologia nos cursos de Especialização em Gemologia. Para ele, dar aulas na EM “é um misto de satisfação e orgulho com uma carga de muita responsabilidade”.

O prof. César diz que “em minha época de aluno, a Escola estava estagnada. Tinha recursos financeiros, mas não os utilizava. O grupo de professores que detinha o poder era fechado. A grande transformação começou com a transferência do DEGEO (Departamento de Geologia) e do DEMIN (Departamento de Minas) para o Morro do Cruzeiro. Os horizontes ficaram mais amplos e houve um salto com a implantação efetiva da UFOP, que ocorreu no mandato do prof. Fagundes. Desde então, a UFOP vem se expandindo e, com ela, a Escola de Minas.”

Esse “salto” da implantação efetiva da UFOP teve participação importante do prof. César. Em 1979, Dr. Theódulo Pereira era o reitor da UFOP e tinha como assessores dois professores, Vicente Maria de Godoy, da Escola de Minas; e José Machado Campos Alvim, da Escola de Farmácia. Ele conta que “Dr. Theódulo comunicou-nos que deixaria a Reitoria. Queria que indicássemos um nome para sucedê-lo. O Alvim e o Godoy não quiseram se envolver e disseram: resolva você este problema. Fiquei isolado na missão, mas com a faca e o queijo na mão.”



Depois de trocar idéias, segundo ele, “com os colegas Osmar Alves de Oliveira Júnior (Kelê) e Fernando Leopoldo Von Krüger, lá no bar do Adilson, surgiu o nome do Prof. Fagundes, que havia dinamizado a Universidade Federal de Viçosa. Com a intervenção do prof. José Emanuel, o convidamos para ser o reitor. Ele aceitou e, em seu mandato, a UFOP deu um salto de qualidade e de visão. Virou UNIVERSIDADE. Estes fatos abriram espaço para o crescimento da Escola de Minas e para o DEGEO, que é aonde tenho trabalhado todo este tempo”.

Sobre o perfil dos alunos o prof. César diz que “não há dois alunos iguais, nem duas turmas parecidas. Parece-me que o número dos que têm preguiça de pensar está aumentando, apesar de eu dizer para eles que ‘pensar não dói’ ”.

Sobre a Fundação GORCEIX, ele diz que “é um elo unindo o professor com visão puramente acadêmica com as necessidades práticas e reais do setor produtivo, no momento em que estas necessidades vão surgindo. Isto obriga o professor a se atualizar permanentemente e a ser criativo. É também uma fonte de recursos financeiros para a UFOP, com utilização flexível, atendendo, principalmente os trabalhos de pesquisa e manutenção de laboratórios. “

Depoimentos

A voz dos alunos

Antes mesmo de se formarem, a palavra tradição é a referência, a mais usada pelos estudantes quando o assunto é Escola de Minas. Em se tratando dos 135 anos da Escola de Minas, o Jornal da Gorceix não poderia deixar de ouvir a palavra de alguns alunos. Afinal eles são a alma da Escola.

Lucas Gonçalves Generoso

(22), natural de Guanhães (MG), estuda Engenharia Metalúrgica, desde janeiro de 2008. Sobre fazer parte da comunidade da EM, Lucas comenta que “são 135 anos de tradição. Uma Escola referência para o Brasil e o mundo. Há muitos anos tem contribuído para o desenvolvimento do país, formando engenheiros conscientes da importância do seu trabalho. É um orgulho fazer parte da Escola de Minas”.



Thailla Bahia

(19) saiu de longe, de Vitória da Conquista (BA), para cursar Engenharia de Minas. Sua escolha pela EM, ela explica “primeiro foram as ótimas referências passadas por conhecidos que aqui estudaram, fiz também pesquisas pela internet, os 135 anos de ensino na área que eu queria estudar e a credibilidade que a Escola desfruta na área da engenharia. Não poderia ter feito melhor escolha”.



Sarah Bettoni Grossi

(17) veio de Ituiutaba (MG) no início deste ano e passou no vestibular para Engenharia Geológica. Ela também traz a história da Escola na família, pois seu tio José Bettoni formou-se aqui, em Engenharia de Minas. Sarah considera ser “muita responsabilidade estudar nessa Escola, devido à tradição que ela carrega e pelo fato de muitos profissionais importantes para o País terem passado por aqui”.



Luciano Reis Nogueira

(22), natural de Ouro Preto, desde 2007 cursa Engenharia Civil. Filho de João Batista Nunes Nogueira, ex-aluno da turma de 1985 de engenharia civil, traz no sangue o amor pela Escola, quase uma herança. Ele não mede elogios para exaltar a EM: “é a Escola com maior tradição na área de Engenharia, em todo o país. Tem prestígio, renome e é muito respeitada. Além disso, conta com um corpo docente composto pelos mais conceituados profissionais da Engenharia”.



Depoimento

João Fernandes, de bolsista a empresário

“Ao terminar, gostaria de agradecer à Fundação Gorceix, que me concedeu uma bolsa de estudos, em virtude da minha classificação no vestibular e das minhas condições socioeconômicas na ocasião. Essa bolsa viabilizou meus estudos nos primeiros anos aqui em Ouro Preto. Mais tarde, tornei-me um monitor e, graças a Deus, pude concluir o curso.”

(Discurso do paraninfo dos formandos da Escola de Minas/UFOP/2011, João Fernandes.)

Com essas palavras, o ex-bolsista e o hoje reconhecido empresário, João Marques Fernandes resumiu o significado da GORCEIX não só para ele, mas para milhares de estudantes carentes da Escola de Minas/UFOP que são, ou foram, bolsistas da FG.

João Fernandes, mineiro da cidade de Matipó, viveu até a adolescência com as dificuldades inerentes à sobrevivência na zona rural. Caçula de 13 filhos, ele estudou com o apoio dos pais e irmãos mais velhos e, mais tarde, da GORCEIX.

Graduou-se em Engenharia Civil em 1980.

Em Ouro Preto, “Pitágoras”, como era chamado pelos colegas, conta que, nos primeiros anos, a bolsa da Fundação assegurou o pagamento das despesas e permitiu que ele se dedicasse com mais afinco aos estudos. Isso, segundo ele, lhe garantiu uma monitoria e emprego logo ao se formar.

Após a formatura trabalhou na Engeservice e na Tercam. Quando o Brasil se preparava para a Eco 92, Conferência Mundial do Meio Ambiente no Rio de Janeiro), ele vislumbrou a oportunidade de trabalhar na área do meio ambiente e, ao mesmo tempo, de ter seu próprio empreendimento. Assim, em 1990 fundou, com sua esposa Heloísa Helena Nascentes, a empresa “Nascentes Fernandes”, especializada em recuperar áreas degradadas. Segundo ele, “na época a questão ambiental ainda não integrava as políticas das empresas e a demanda era pouca. Para manter as portas abertas a empresa construiu galpões, edificações e trabalhava com reformas prediais”.

Em pouco tempo a questão ambiental passou a fazer parte do planejamento estratégico de grandes empresas, principalmente mineradoras e organizações públicas, permitindo a João Fernandes atuar naquilo a que havia se proposto: recuperar áreas degradadas e contribuir para proteção ambiental.

Atualmente a empresa está dividida em quatro setores:

- Teca Brasil Empreendimentos Florestais, que investe em reflorestamento sustentável com plantio da espécie Teca, originária da Ásia.
- João Marques Fernandes Ltda., que atua na área de consultoria ambiental.
- Nascentes Fernandes, que realiza levanta-

tamentos de problemas ambientais, desenvolve projetos de recuperação, execução e acompanhamento das áreas degradadas e regularização junto aos órgãos ambientais.

• Instituto João Fernandes, braço social do grupo, que irá atender crianças e adolescentes carentes nas áreas de educação, saúde e esporte.

Assim, a Nascentes Fernandes, em 21 anos de existência, tornou-se referência em sustentabilidade, tendo sido agraciada com o “Prêmio do Instituto de Pesquisa e Responsabilidade Sócioambiental Chico Mendes”, em 24-08-2010. Neste ano, em 25 de outubro 2011, receberá a premiação pela segunda vez.

A família também faz parte da empresa. Trabalham com ele e a esposa Heloísa Helena, os filhos João Gabriel (estudante de Administração de Empresas), Pedro Augusto (estudante de Engenharia Civil) e Luiz Felipe, (estudante de Engenharia Ambiental).

Atualmente, a “Nascentes Fernandes” funciona no prédio de um antigo cinema, no Bairro das Indústrias, em Belo Horizonte, mas, brevemente será transferida para a sede própria em construção no município de Ribeirão das Neves.

A nova sede será totalmente ecológica, dentro do princípio da sustentabilidade. Terá sistema de coleta de água de chuva para irrigação de árvores e jardins; água potável proveniente de nascente própria; aquecimento solar e um ginásio poliesportivo para uso dos funcionários, empresas parceiras e também será utilizado para as ações sociais do Instituto João Fernandes.

Apesar do sucesso, João Fernandes continua sendo uma pessoa simples e alegre, que busca uma convivência amigável com seus quase 250 funcionários, conhecendo a maioria pelo nome.

“A receita para o sucesso,” segundo ele, “é simples: basta investir nas pessoas, por meio do estímulo ao estudo, à capacitação profissional e à vontade de crescer na empresa.” Para dar o bom exemplo, ele se propôs à obtenção de novo título na graduação e cursa Engenharia Ambiental, no Centro Universitário UNA.

O conselho que ele dá aos estudantes, o “pulo do gato”, como ele chama, é estudar sempre. “A evolução tecnológica exige que o profissional esteja sempre atualizado. É preciso fazer especializações e estudar, no mínimo, outra língua, pois, no mundo globalizado, quem fica na mesmice é mantido à margem,” finaliza.

